VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1866. N. 526

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Politica interna

BOLETIM

Na camara electiva, na sessão de sabbado, foi discutida a resposta ao discurso da corôa.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos fallando sobre o assumpto, manifestou a ideia de ser riscada da nossa legislação criminal a pena de morte, por isso que, se se não tinha executado, e se se entendia que se não devia executar, não havia razão alguma para se conservar no codigo penal. Mandou depois para a meza um aditamento em que dizia: «A camara confia que, na transformação por que tem de passar a nossa legislação criminal, o governo não esquecerá a abolição da pena de morte.»

O sr. Santos e Silva fez largas considerações ácerca da resposta ao discurso do throno. Ponderando que o discurso indicava o programma do governo, passou a analysar o que elle expunha com referencia a alguns ministerios. S. ex.ª não fallou na pena de morte.

Sobre que se demoraram mais as vistas do illustre deputado, foi sobre os dois ministerios — guerra e fazenda. Alludindo ao ministerio da guerra, s. ex.ª optou por economias e reformas que se podem realisar naquelle ministerio, se se seguir o exemplo da Italia, que fez uma reducção nas despezas do ministerio da guerra na importancia de dez milhões de francos, e se se quizer imitar o governo francez que praticára o mesmo.

O sr. Barjona de Freitas, ministro da justiça, respondeu ás considerações que o sr. Sant'Anna e Vasconcellos fizera com relação á abolição da pena de morte. O nobre ministro declarou, que o governo tinha em vista a abolição da pena de morte; mas o que não convinha é que essa abolição fosse filha de paixão e de arrebatamento. Quanto ao aditamento apresentado pelo sr. Sant'Anna, disse o sr. ministro da justiça, que tal aditamento era uma censura ao governo, sem que houvesse essa intenção da parte do illustre deputado, e que era censura por isso mesmo que o governo já tinha manifestado claramente quaes eram as suas aspirações e desejos. Ponderou tambem que esta reforma devia ser feita com prudencia e vagar, e que, abolida a pena de morte, era necessario que ficasse immediatamente no codigo uma pena que a substituisse. O sr. ministro da justiça fez sobre éste assumpto outras mui sisudas considerações, em que transpareceram os desejos que s. ex.ª tem de que se realise esta reforma, e ao mesmo tempo a conveniencia que resulta de que tal materia seja discutida com toda a placidez e cuidado, visto que a substituição da pena de morte irá influir na gradação de todas as penas.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos, dando-se por satisfeito com as explicações do sr. ministro, retirou o seu aditamento.

Sobre a pena de morte fallou tambem o sr. Antonio de Serpa.

O sr. Sá Nogueira, fazendo algumas considerações sobre a parte do discurso da corôa que se refere ás nossas possessões ultramarinas, disse que era preciso que o governo attendesse deveras em promover os melhoramentos que ellas reclamam, porque podem ainda fornecer muitos recursos ao paiz.

Em seguida foi approvado o projecto de resposta ao discurso da corôa por unanimidade. Um aditamento que tinha sido apresentado pelo sr. Cunha Barbosa, pedindo a annullação da pena dos crimes eleitoraes, foi regeitado por grande maioria.

O *Diario* publica dois decretos demittindo dois empregados do ministerio da fazenda accusados de crime de burla, e trez portarias em que se dá a demissão a dois empregados por o mesmo motivo, e em que se manda restituir um outro que não foi pronunciado em razão de se não encontrarem para isso indicios.

Os logares vagos pelas demissões destes empregados não são providos sem que se estabeleça a nova fixação dos quadros das repartições sujeitas ao ministerio da fazenda.

A folha official não contém mais documentos que mereçam attenção.

Foi votado o contrato com a empreza Salamanca; e na votação com que foi approvado vê-se claramente o grande apoio que o governo tem na camara. Foi elle approvado por uma grande maioria que traduz bem, quanto o governo está forte, e quanto são, por conseguinte, impotentes para o combater os poucos soldados que militam no campo da opposição.

Os expectantes sem chefe, de cuja falta ha pouco se lamentava um jornal do paiz, em completa desordem, guerrilha indisciplinada, rareadas as fileiras, sem bandeira, sem intuitos nobres, gritaram ahi contra o contrato com a companhia dos caminhos de ferro do norte, como se elle fosse ruinoso para o estado. Á falta de outros meios de que lançassem mão propalaram boatos de proxima crise ministerial, dizendo que o sr. duque de Loulé queria tomar a presidencia do conselho, e que o sr. ministro da guerra ia pedir a sua demissão, por isso que não estava de accordo com o sr. ministro da fazenda e conde de Castro emquanto ás negociações que ss. ex.as fizeram, innovando os contratos com as companhias dos caminhos de ferro do sul, e com a empreza Salamanca.

Apezar, porém, das atoardas que a opposição espalhou, continúa a haver harmonia entre os membros do gabinete, a serem animados das mesmas aspirações, a estreitarem-se os laços que os unem, sem que haja quebra de forças, mas pelo contrario, cada vez maior energia, maior rubustez, identidade de ideias e mãos dadas na sua execução. A consideravel maioria de votos com que foi approvado o contrato com a empreza do norte mostra evidentemente que são falsos os boatos propalados, e que no ministerio não ha dissidencia de opiniões, mas sim força, boa harmonia, e grande apoio no seio da representação nacional.

O resultado que obteve a questão, além de traduzir claramente o que deixamos dicto, era aguardado com plena confiança, porque, quando qualquer medida é de reconhecida utilidade, e a opinião publica lhe é favoravel e a apoia, e quando tal medida dimana d'um ministerio, que, como o actual, se empenha em desenvolver os interesses do paiz, e dotal-o com as reformas que as suas necessidades reclamam, é sempre o maior numero que acompanha o governo que sabe lidar no empenho de beneficiar o paiz.

O projecto que acaba de ser approvado pela camara electiva não sendo de nenhuma sorte prejudicial ao paiz, que pelo contrario lucra com elle, teve ainda assim quem o combatesse. Baldado trabalho. Na defeza estava quasi toda a camara, que lhe reconheceu a utilidade, approvando-o.

O estado, conscio de que o adiamento que concedeu á empreza ácerca da collocação dos taboleiros das pontes metallicas da segunda via não traz comsigo o mais pequeno prejuizo para o paiz, permittiu-lh'o.

O governo, é verdade que podia obrigar a companhia a que collocasse sem demora os taboleiros, mas de tal obrigação não resultava proveito algum. O conselho das obras publicas consultado sobre se se devia conceder o adiamento, declarou que era inutil a collocação immediata dos taboleiros. Vê-se pois que o adiamento que o governo concedeu á empreza Salamanca é conveniente, por isso que são completamente escusados os taboleiros para uma via que ainda se não fez, e que nem tão cedo se fará.

A opposição diz que o governo podia deixar de se sujeitar ao encargo do pagamento das expropriações d'esde Campanhã até ao campo de Cirne, e que para isso não havia mais do que com uma nova portaria annullar as que ordenaram á empreza a construcção da estação em Campanhã. Esta objecção desfal a o sr. ministro da fazenda nas seguintes palavras:

«As portarias revogam-se por outras. Houve dois ministros que entenderam, que a estação se devia estabelecer no campo de Cirne. Peço licença aos illustres deputados para lhes dizer que entendo, quando o governo resolve em assumptos desta natureza, ouvidas as estações competentes e de conformidade com o systema prescripto na lei e no contrato, resolve positivamente, interpretando as modificações desse contrato. Por consequencia não pode estar todos os dias alterando e modificando a resolução que tomou, quando se trata destes assumptos, quando essas alterações e modificações importam encargos e encargos valiosissimos e de muita importancia para a companhia. Se acaso se entende que estes direitos da parte do governo são extensos e latitudinarios, que parecem não teem limites, então tanto pode mandar o governo estabelecer esta estação em Campanhã, como na Praça Nova, uma vez que está estipulado que se deve fazer um caminho de ferro de Lisboa ao Porto.»

O contrato felizmente acha-se já approvado pela camara electiva, e na outra casa do parlamento ha de certamente correr egual fortuna. O projecto do governo é de reconhecida utilidade, e por conseguinte terá o apoio da camara hereditaria como já o teve da electiva.

Foi approvado na camara electiva o projecto de resposta ao discurso da corôa. Durante o debate veiu a pello fallar-se da pena de morte, que ha muitos annos se não executa no paiz, mas que ainda não foi expungida do nosso codigo criminal.

O sr. Ayres de Gouveia já ha tempos tinha propugnado no seio da representação nacional pela abolição desta pena, e n'um dos dias passados de sessão renovou a iniciativa do projecto. Muitos outros srs. deputados fallaram sobre o assumpto, declarando-se partidarios da abolição da pena de morte, e o governo manifestou quaes eram as suas ideias a este respeito.

A pena de morte que ha tanto tempo deixa de se executar no nosso paiz, e que é ainda uma disposição do codigo criminal, sendo altamente reprovada pelas ideias da epocha, sendo diametralmente opposta á verdadeira civilisação, não se deve consentir nas nossas leis.

É certo que entre nós não se presenceam esses barbaros espectaculos de sangue já de ha muito, apezar de ainda estar de pé a lei que os ordena; mas ainda assim é justo que se risque por uma vez tal artigo do nosso codigo.

A vida do homem é inviolavel — principio milhares de vezes repetido, mas nem por isso menos verdadeiro. A sociedade que tem o dever de promover, quanto possa a felicidade do homem, de o arredar da beira dos precipicios, de o castigar tambem, e de se esforçar pela sua rehabilitação, quando elle cair, não tem o direito de o privar da vida.

E não se diga que o homem que não respeita a inviolabilidade da vida do seu similhante não merece que a sociedade lhe respeite a sua. Não é argumento. A sociedade não deve castigar um crime com outro.

Suppondo mesmo que a sociedade tenha direito sobre a vida do cidadão, que proveito pode ella tirar da morte do homem que commetteu um crime? Aquella cabeça, onde ainda podia passar uma ideia de arrependimento está sem vida nas mãos ensanguentadas do algoz. Aquelle peito onde inda podiam pulsar sentimentos de honra está exanime; espera por elle a vala de um cemiterio.

A pena de morte, além de cortar a rehabilitação de que podia ser susceptivel o criminoso, não moralisa a sociedade. Taes espectaculos causam apenas horror.

Felizmente no nosso paiz está proscripta a pena de morte; se não ha a abolição legal por ora, é quasi o mesmo: está abolida nos costumes. Ainda assim são louvaveis os desejos dos illustres deputados que querem ver eliminada da nossa legislação a pena de morte.

A medida não se faz urgente, por isso que consiste apenas em riscar do codigo aquillo que o uso como que já revogou; mas não obstante é justa, e merece que o governo a attenda quando o possa fazer sem abrir mão d'outros assumptos que demandem, pela sua importancia, mais prompta execução.

A abolição da pena de morte, alem de ser materia que se pode adiar, sem que d'ahi resulte inconveniente algum, precisa de serio exame, e de discussão demorada e prudente. Revogada a pena de morte, é preciso que se estabeleça uma outra pena que a substitua, e esta substituição, como discretamente disse o sr. ministro da justiça, ha de irremediavelmente influir na gradação de todas as penas.

Bom é que se risque da nossa legislação criminal aquella desposição anachronica e barbara, mas de modo que se não pretiram outras materias mais reclamadas e urgentes.

O governo tem muito em que lidar; tem muitas reformas a fazer; ha immensos assumptos sobre que deve cair a sua attenção, e por isso não deve applicar a sua fecunda iniciativa a objectos de menos importancia. Trate primeiramente de attender ao mais necessario, de prover ás mais urgentes exigencias do paiz, e depois cure de materias de importancia secundaria.

A abolição da pena de morte não é medida que o governo deva preferir a muitas que tem entre mãos; póde até chamar-se escusada, se se comparar com outras que as necessidades do paiz estão reclamando.

O programma dos actos futuros do governo que foi ahi desenrolado aos olhos do paiz aponta materias que, de preferencia, devem ser attendidas pelos nossos governantes. Trate o governo de reformar a instrucção primaria, ramo de administração publica que tão descurado tem sido; esforce-se em dotar as nossas possessões ultramarinas com os melhoramentos proprios a desenvolver-lhe a industria e a agricultura; empenhe-se em collocar em melhores condições a hygiene publica; relanceie a vista por outros ramos de administração, e quando tiver terminado esta tarefa ardua, mas proveitosa para o paiz, risque então do codigo penal a pena de morte.

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 525.)

Sombrio estava o aposento, e não pôde logo Benedicto estremar as feições de quem vinha assim perturbar-lhe a solidão; a sombra do amplo chapéu velava ainda o rosto, e as dobras da capa dissimulavam-lhe o feitio do corpo.

Pareceu todavia que não era intento do que assim entrava de golpe dilatar mais o mysterio, por quanto endireitou á lampada ainda accesa, deitou para traz a capa, tirou o chapéu, e patenteou ao surpreso olhar d'Arundell a cabeça de sir Arthur Sidney.

Não pôde Arundell suster um grito d'assombro.

Ficou sir Arthur Sidney defrontando o seu amigo com todo o socego, e como que nenhum caso extraordinario succedêra.

Os raios da lampada, agitando-se no setim polido da sua fronte, faziam similhança de uma auréola. Olhava com todo o socego, e exprimiam as feições estreme serenidade.

— Que é isto!? — és tu, Arthur!

— Sou eu, que voltei da India esta manhã.

— Que significa tudo isto, Arthur? bradou Benedicto, não podendo já pôr em duvida a identidade de Sidney.

— Significa, redarguiu socegado Sidney, que eu não tinha dado o meu consentimento para esse matrimonio, e que era de monta atalhal o. Não é mais do que isto. Só te peço perdão dos meios que empreguei. Por carecer d'outros, lancei mão destes.

— Que estranha jactancia! tornou Benedicto turbado pela fria simplicidade da resposta. — Acaso és meu pae, tio, ou tutor, para te arrogares direitos taes sobre mim?

— Sou mais que tudo isso, respondeu Sidney gravemente, sou teu amigo.

— Singular modo é esse de proval-o, destruindo a felicidade da minha vida, e engolfando-me em desespero horrendo!

— A magoa passará, disse Arthur; pezares de namorados pouco duram; o vento os leva, como pennas de gaivota pelo alto mar. Sabes além d'isso, que não és senhor de ti, continuou puxando do bolso um papel, que desdobrou diante de Benedicto.

Já amarellento, parecia que o papel fôra escripto ha longo tempo, e estava rasgado nas dobras. A escriptura, que continha, sem duvida mudára de côr; as lettras estavam arruivascadas; dir-se-ia que fôra sangue a tinta que as traçára.

A' vista daquelle papel d'apparencia cabalistica, e que tinha tal ou qual similhança com uma escriptura de contrato com o diabo, sir Benedicto Arundell pareceu desconcertado, e callou-se.

— E' esta a tua assignatura? disse Sidney, erguendo o papel ante os olhos de Benedicto.

— Sim, é o meu nome, e a minha rubrica, respondeu sir Benedicto Arundell em tom resignado.

— Traçaste aqui livremente o teu nome de fidalgo?

— Não posso dizer que me obrigaram, respondeu Arundell; nesse papel firmei o meu nome, cheio de enthusiasmo e de fé.

— E terrifico juramento é o que esta carta encerra. Juraste por quanto pode vincular-nos nesta terra, que habitâmos, pelo Deus, que creou os mundos, pelo demonio, que lida em destruil-os, pelo céu e pelo inferno, pela honra de teu pae, e pela virtude de tua mãe, pelo teu sangue de cavalheiro, pela tua alma de christão, pela tua palavra de homem livre, pela memoria dos heroes e dos sanctos, com a mão no evangelho e na espada; — e caso que a nossa religião outra cousa não fôra mais que um erro, — pelo fogo e pela agua, fontes da vida, pelas forças occultas da natureza, pelas estrellas, que regulam mysteriosamente os destinos, por Chronos e por Jupiter, pelo Acheronte e pela Styge, que outr'ora ligava os deuses. Se ha no mundo formula mais irrevogavel, eu a ignoro; mas, quando escreveste estas linhas, invocaste quanto ha mais formidando e sagrado, para dar força ao juramento, que este papel encerra.

— E' verdade, respondeu Arundell.

— E eu carecia de ti, continuou Sidney, e valendo-me dos direitos, que me dá este assignado, procurei-te, pois que não vinhas.

Benedicto oppresso curvou a cabeça, e nada respondeu.

Quando estiver mais repousado o teu animo, continuou Sidney, dir-te-hei o que espero em ti, e o que terás a fazer.

Terminou, e retirou-se, fechando a porta de corrediça; — estimulada por vento fresco entrou no mar largo a *Linda Joanna*.

XI

Em quanto a *Linda Joanna* com vento largo e de feição vae singrando dez milhas por hora, recuemos alguns passos necessarios nesta narrativa. Devemos explicar como se achava miss Edith no meio do Tamisa naquella noute de procella, a ponto de ser devorada pelas aguas, em vez de estremecer aos beijos do esposo querido na penumbra tepida e perfumada do quarto nupcial.

Não esqueceu por sem duvida, que um homem d'apparencia misera entregára ao conde de Volmerange um sobrescripto lacrado ao sair da egreja.

Engolphado totalmente n'outros cuidados, deixára o conde no bolso o sobrescripto sem abril-o, tencionando fazel-o mais tarde, e com as commoções daquelle dia o deslembrára. A' noute tendo ficado só por um instante, em quanto as aias de Edith a despiam, e lhe lançavam o roupão de dormir, sentiu ranger o papel no bolso, e por movimento machinal rasgou o sêllo, e leu.

(*Continúa.*)

Relatorio do sr. ministro das obras publicas, commercio e industria.

(Conclusão do num. antecedente.)

Não deslumbrava de certo a vista a exposição dos productos das nossas possessões ultramarinas, mas, apesar de ter fronteiras como competidoras as colonias francezas, quasi se advinha ali a prioridade das nossas descobertas, alegrando-se o espirito com as recordações do passado. A França moderna, marchando na vanguarda das nações e dispondo de poderosissimos recursos, não póde vencer-nos como expositora colonial, tanto na quantidade, como na qualidade dos productos. Providencial parece este facto que remontando-nos ás antigas glorias nos está como incitando a não descurarmos os velhos brazões da nossa fidalguia européa. O rico póde enlevar-se nas finas côres das porcelanas de Sevres e nos matisados tapetes dos Gobelins, o industrial revêr-se nos mimosos lavores das rendas de Bruxellas, o artista aspirar a competir com o mimo do cinzel italiano, mas o patriota não póde deixar de meditar nos productos do solo das nossas colonias, methodicamente dispostos e orgulhosamente coroados de emblemas indigenas, rotulos que resumem a indole e costumes dos povos por nós convertidos á fé christã. A disposição dos productos coloniaes portuguezes podia e devia ter servido de typo á exposição de identicos productos da metropole, e se dos estrangeiros recebessemos depois proveitosos exemplos em relação ás artes e aos primores das suas fabricas mais afamadas, Portugal lhes seria rival nas materias primas, tão pretexto de um solido commercio, como os mais graduados objectos de nossa constante e inevitavel importação.

O Porto, a cidade mais activa e industrial do reino deve á sua exposição internacional favores superiores ao resto do paiz, porque se a todos nós cumpre confessar-lhe obrigação, o Porto não póde esquivar-se a reconhecer que com ella se fechou o siclo da tradição militar para se abrir o livro de ouro em que tem de ser archivada a sua renascença para a vida não menos gloriosa do trabalho e dos melhoramentos materiaes.

A administração municipal mais ou menos descurada e mal comprehendida no paiz, por causas que não urge agora indagar, ao aproximar-se a exposição internacional reagiu no Porto contra as velharias consagradas pelo uso, e se não pôde pela carencia de recursos extirpar todas ellas, accudindo ao mesmo tempo á hygiene e á policia, ao aforseamento da cidade e aos commodos dos seus visitantes, avançou inegavelmente na senda de que não póde nem deve retrogradar até que o Porto tenha direito a ufanar-se de não haver que invejar á capital. A solicitude municipal arrefece por vezes, pela carencia de estimulos, e uma das vantagens da exposição internacional foi arrastar na sua ousadia, desde o individuo até aos corpos legalmente constituidos, confundindo-se todos n'uma unica e solidaria hierarchia— a de portuguezes.

Precisar aqui os melhoramentos materiaes e moraes a que deu logar no Porto a exposição internacional, seria, sobre fastidioso, inutil ao intento; por isso basta consignar o facto, incorporando-o na serie das precedentes considerações que honram a direcção da Sociedade do Palacio de Crystal e a nobilitam aos olhos do governo de V. M.

Resta-me finalmente, Senhor, expôr a V. M, o modo digno e cavalheiroso com que as mais prosperas e potentes nações da Europa julgaram dever annuir ao convite da Sociedade do Palacio de Crystal Portuense, sem mercenarias exigencias e até, diga-se, para honra dos que não temeram deslustrar os seus pergaminhos industriaes, sem plausivel esperança de um futuro mercado que lhes fosse compensação da cortezia de momento. A especulação commercial pode ser suspeitada nas exposições de Londres e Pariz, ainda quando acobertada com o manto magico da gloria, mas os expositores estrangeiros do Palacio de Crystal Portuense, seja qual fôr a sua nacionalidade, são industriaes que presam o seu credito acima da mercancia, e que vem, como indagadores, zelosos da fama já adquirida sustental-a em mais um torneio, em que porventura podesse apparecer quem lhes contestasse o logar conquistado por anteriores esforços.

E' assim, por exemplo, que a França sabendo que não tem extracção aos seus riquissimos productos os envia, como mestra que não quer perder os direitos á sua primasia contemporanea.

E' inspirada, pela mesma ideia que a Italia, a mãe da arte antiga, sollicita um logar no recinto em que se pleiteiam em profiada competencia os titulos dos que progridem; que a severa Allemanha nos coadjuva e a Belgica nos prende a attenção, pela incomparavel barateza dos seus artefactos. A Inglaterra tece-nos louvores nos seus mais acreditados jornaes e, conscia da sua inquestionavel valia manufactureira, confessa e lamenta não se ter feito na exposição portuense, como convinha á antiguidade das suas relações de amisade com Portugal e á sua pacifica rivalidade com a França.

Sentida e quasi completa é a ausencia da Hespanha no Palacio de Crystal Portuense, mas a epidemia que a devastava quando nós a chamámos a terreno, absolve-a do que seria feia esquivança da nossa irmã e visinha. A ainda recente camaradagem de Barcelona e Porto n'uma pequena exposição que teve lugar nesta cidade, resguarda a Hespanha nossa emula nas glorias das descobertas maritimas da immerecida suspeita de se haver esquecido que teve identicos triumphos e acaba de passar por eguaes vissicitudes.

Expuz, Senhor, em succinta e veridica historia o que é e o que vale a exposição internacional portuense. Dos nacionaes soube já V. M. o modo honroso porque se houveram; dos estrangeiros acabo de narrar o desinteressado alvoroço com que todos — merece porém a França nota especial — vieram confundir com os nossos os fructos das suas industrias sem mais esperança de lucro de que o premio que o proprio desinteresse em si trazia.

Antes de fechar este escripto cumpro um dever de consciencia recordando a V. M. a illustrada vigilancia com que os meus dois antecessores os srs. João Chrysostomo de Abreu e Sousa e Carlos Bento da Silva, seguiram sempre de perto os preparativos da exposição internacional portuense, auxiliando-a tanto, quanto nos governos constitucionaes o podem fazer os conselheiros da corôa.

Justiça egual se deve aos dois altos funccionarios administrativos do Porto, que viram nascer e ampararam no seu desenvolvimento a exposição do Palacio de Crystal.

Os agentes diplomaticos portuguezes nas diversas côrtes da Europa, os presidentes dos jurys da exposição, bem como os individuos a quem incumbi estudos technicos e especiaes, que habilitassem Portugal a figurar decorosamente na futura exposição internacional, que deve ter logar em Pariz em 1867, todos sem excepção comprehenderam a sua missão, dando conta de si pontual e intelligentemente, e não desmerecendo do conceito que anteriormente mereciam.

Apesar da commissão das alfandegas, que procurou zelosa e infatigavelmente estudar as nossas pautas á vista dos objectos, e ouvindo informações fidedignas, não ter sido nomeada pelo ministerio a meu cargo, assim mesmo não posso deixar de a citar como tendo tomado a peito um estudo, que pode, sem gravar as nossas industrias, nem desfalcar sensivelmente os rendimentos publicos, servir de incitamento a uma reforma alfandegueira tão equitativa como o está reclamando a opinião illustrada do paiz.

Do municipio portuense já neste relatorio tive occasião de commemorar os bons serviços, restando-me agora, como a equidade aconselha, envolver no elogio a esta prestante corporação electiva, o de que tambem se fez credora durante todo o tempo da exposição, a laboriosa população da segunda cidade do reino.

Senhor! Um eloquente e sabedor ministro de uma poderosissima nação, o actual chanceller da fazenda da Gran Bretanha, affirmava ainda ha poucos dias, que este seculo era dos que trabalhavam, e só dos que trabalhavam. Nos paizes que tem a fortuna de ser regidos constitucionalmente, é intuitiva a verdade das palavras citadas, com especialidade quando a Providencia concede aos povos réis, que fazem do reinar officio, e do premio estimulo a nobres e prestadias emprezas. O premio hereditario é merecida consagração nos feitos illustres da historia, mas o adquirido pelo culto constante do trabalho é não menos honroso; senão ainda mais proficuo. Um é já merecido traslado de varias acções, o outro nasce e morre, como é da indole do tempo, com o individuo que soube merecer a benevolencia do dispensador legal das recompensas. Quando a guerra era a razão suprema dos povos, galardoava-se o soldado que era o agente da victoria. Hoje nas batalhas incruentas da industria é o operario que espera a benignidade do throno.

Senhor! Se não estivesse já consagrado pelo uso concederem-se graças aos pacificos luctadores nas exposições internacionaes, ainda assim o espirito illustrado V. M. não permittiria que os obreiros da gloria do seu reinado esperassem em vão do throno a animação para futuras e ainda mais trabalhadas emprezas.

Firme nesta crença e honrado com a confiança de V. M., como seu ministro na repartição das obras publicas, commercio e industria, é nesta qualidade, que julgo desempenhar um dever grato ao seu magnanimo coração propondo, que sejam concedidas mercês honorificas aos individuos que, como directores, agentes, expositores, auxiliares ou protectores da exposição internacional portuense, souberam, honrando-se a si, honrar tambem o nome portuguez.

Ministerio das obras publicas, commercio e industria, em 13 de dezembro de 1865. *Conde de Castro.*

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 28 de 6 de fevereiro

MINISTERIO DO REINO

Despacho do bacharel Antonio Lopes dos Santos Valente, para um logar d'amanuense da secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça.

— Licenças a funccionarios judiciaes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda no dia 15 de março proximo de bens pertencentes á fazenda sitos no concelho de Pombal, districto de Leiria, avaliados em 1:461$110 rs.

GUERRA

Ordem do exercito n.º 3, de 30 de janeiro findo.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 29 de 7 de fevereiro

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda no dia 16 de março proximo de bens pertencentes á fazenda, sitos no concelho de Pombal, districto de Lisboa.

OBRAS PUBLICAS

Balancete, em 31 de janeiro findo, de diversos bancos.

— Mappas do movimento do dinheiro, desconto de lettras, emprestimo sobre penhores, depositos e notas em circulação, nos bancos de Portugal, Commercial do Porto, Mercantil Portuense, União, Alliança, Nacional Ultramarino, do Minho, Lusitano, Brazilian & Portuguese Bank, filiaes em Lisboa e Porto do London and Brazilian e Nova Companhia Utilidade Publica, durante o anno de 1865.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Cópia de um officio do governador geral de Cabo Verde, ácerca dos negocios d'esta ilha.

Resolução n.º 301 do conselho geral das alfandegas.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 30 de 8 de fevereiro

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Licenças a funccionarios judiciaes.

FAZENDA

1.º Annuncio relativo ao naufragio da escuna prussiana «Neptunes», que succedeu a 28 de janeiro findo, na costa da Figueira.

—Continuação do annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de janeiro findo a diversas classes.

OBRAS PUBLICAS

Balancetes, em 31 de janeiro, de diversos Bancos e companhias.

Resolução n.º 302 do conselho geral das alfandegas.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 31 de 9 de fevereiro

REINO

Aviso de que estão a concurso cadeiras de instrucção primaria com sede em differentes freguezias.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Licenças a diversos funccionarios judiciaes.

FAZENDA

Mapas da receita e despeza, em dinheiro, effectuadas por diversos cofres do estado no mez de agosto de 1865.

— Venda no dia 17 de março proximo, de bens pertencentes á fazenda sitos nos districtos de Braga, Aveiro, Porto e Portalegre.

—Arrematação no dia 20 de março proximo de capitaes não distractados pertencentes ao districto de Coimbra.

Exterior

Os jornaes opposionistas da Hespanha começam novamente a apparecer. Tinham suspendido as suas publicações alguns, em consequencia das ultimas manifestações revolucionarias, e temendo as penas da dictadura militar. Entre os que deixaram de ser publicados durante a insurreição, e que agora de novo sahem á luz, contam-se *Las Novedades* e *La Nacion*. Ambos estes jornaes logo que sairam a publico protestaram contra uma calumnia que fôra assacada ao partido progressista, que consistiu em dizer que elle tinha cumplicidade na tentativa de soltar as presidiados de Alcalá.

E' certo que alguns periodicos ministeriaes tinham atirado esse insulto ao partido progressista, na occasião em que elle não podia repellil-o; mas houve jornaes governamentaes tambem que affirmaram que a tentativa de soltar os prezos não podia attribuir-se, nem ao partido progressista, nem a outro qualquer partido.

A *Nacion* fallando a esse propozito diz:

«Durante os dias em que *La-Nacion* não viu a luz publica, lançou-se contra o partido progressista uma accusação terrivel; e o mais é que até em documentos officiaes foi ella reproduzida. Contou-se que fôra suffocada em Alcalá uma insurreição, que tinha um objecto barbaro e repugnante a toda a consciencia civilizada. Ignoramos o que se apurou pelas investigações judiciaes ácerca da verdade de tão horroroso attentado; mas sabemos que se tentou propalar que o nosso partido não era alheio á premeditação do tal crime. Faltariamos pois aos dictames da nossa honra da consciencia, se não aproveitassemos o primeiro momento que se nos offerece para repellir tão affrontosa imputação, em nosso nome, e em nome de todo o partido progressista.

«Não discutimos o facto, nem queremos entrar em considerações ácerca d'elle; respeitamos a desgraça dos que poderam ser victimas d'uma *imputação incerta* ou d'um pensamento depravado; mas consta que desde o primeiro momento protestamos com toda a energia da nossa alma, que o partido progressista é completamente alheio ao facto, e nem por pensamento acceitaria uma imputação que, lealmente o dizemos, não pode nem deve dirigir-se a nenhum dos partidos que actualmente existem na Hespanha, nem ainda a esse mesmo que tão torpe insulto nos dirige, e alguns de cujos orgãos chegam ao inqualificavel extremo de nos escarnecerem nos momentos actuaes, ufanando-se com o nosso silencio, e attribuindo-o á falta de razões da nossa parte.»

Com relação ao ultimo fuzilamento que teve logar em Madrid dizem os jornaes hespanhoes que varios commerciantes de Madrid fizeram uma representação assignada por grande numero de pessoas pedindo á rainha o indulto para o capitão Pedro Espinoza. Esta representação não produzir effeito algum. Um jornal de Madrid dá pormenores a respeito da execução deste official. Diz assim:

«Vamos dar alguns tristes pormenores sobre o acontecimento que se presenceou hontem em Madrid. Ante-hontem ás seis horas da tarde foi recolhido á capella o capitão D. Pedro Espinoza, do batalhão de caçadores de Figueras que estava preso no quartel de Posito, e que fôra sentenciado pelo conselho de guerra a ser fuzilado. O condemnado passou a noute extremamente commovido.

«A's 6 e meia da manhã de 3 chegaram ao alto de Fuente Castellana as companhias de preferencia dos regimentos da capital que haviam sido designadas para formar o quadrado.

«Os sargentos do batalhão com a banda de cornetas publicaram em cada angulo do quadrado o bando, segundo o qual a ordenança prohibe pedir indulto para o reu.

«A's oito horas chegou o infeliz Espinoza na carruagem cellular, acompanhado pelo capellão do batalhão de engenheiros e por outros sacerdotes, e escoltado por uma companhia de sapadores e uma secção de cavallaria.

«O condemnado desceu da caruagem com a maior serenidade de animo, parecendo ouvir com attenção as palavras consoladoras que lhe repetiam os sacerdotes.

«Em acto continuo, junto da bandeira foi lida a sentença de morte, e verificou-se o acto da exoneração das insignias da patente que o condemnado tinha no exercito.

Depois os sacerdotes e os irmãos da irmandade da paz e caridade acompanharam o condemnado até ao centro do quadrado. Espinosa, depois de dirigir sentidas palavras aos soldados, pedindo-lhes perdão, e supplicando-lhes que o matassem de pressa desabotoou a farda e ajoelhou com dignidade e sem affectação. Então os soldados da companhia, a que pertencia o infeliz condemnado deram a descarga, e Espinosa morreu instantaneamente.

As tropas que tinham formado quadrado desfilaram por diante do cadaver. Os irmãos da irmandade de caridade e paz depositaram o corpo dentro do caixão mortuario, e conduziram-o ao cemiterio geral, acompanhado pela companhia a que o capitão pertencia e por uma força da guarda civil de Madrid.

Grande numero de pessoas assistiram á execução d'esta sentença.»

Infeliz povo!

O que admira é que estes espectaculos sangrentos, hediondos, barbaros, mandados praticar por um governo tyrannico não causem em toda a Hespanha grande odio para com o governo que os ordena.

Ha dias começou a publicar-se no paiz visinho um periodico que defende o ministerio hespanhol. O jornal intitula-se *Lealtad*, e pertence ao neo-catholicismo. A respeito da politica do ministerio diz:

«Com pezar renunciamos ao trabalho de examinar em todas as suas partes o notavel discurso do sr. Posada Herrera, obra de engenho, habilidade e maestria, pelo qual o felicitamos, por n'elle sobresairem impetuosidades que teriamos sentido, considerações que teriamos feito em caso identico e soluções radicaes que teriamos dado, se porventura se tivessem submettido ao nosso criterio as complexas questões que o seu solveu como tanta lucidez e desassombro.

Esse é o bom caminho, e agrada-nos sobremaneira que o sr. Posada Herrera e o ministerio tenham entrado nelle, e demonstrando que professam em materia de governo os principios que vamos sustentar e que julgamos altamente salvadores.

Um outro jornal que segue a mesma politica diz o seguinte:

«Pouco importa que os periodicos progressistas e democraticos continuem a combater o governo até onde as suas forças o permittem, porque não ha de espaçar muito tempo sem que os seus assignantes os abandonem, convencidos de que o unico governo possivel é o do general O'Donnell, e o unico ministro do reino acceitavel, o sr. José Posada Herrera; e quando chegue esse venturoso dia, que, como dissemos, não vem longe, *La Discucion*, *La Democracia*, *El Pueblo*, *La Iberia*, *La Nacion*, *Las Novedades* e *La Soberania Nacional* morrerão de inacção, e veremos realisada a genuina união nacional que levará a Hespanha ao maior grau de prosperidade que alcançou na epocha dos reis catholicos D. Carlos V e D. Filippe II.»

Afastemos os olhos destas miserias.

—A imprensa estrangeira continua a occupar-se muito do estado das relações entre os Estados Unidos e a França. No *livro amarello*, como já dissemos, apresentado pelo governo francez ao parlamento dizia-se que se dava publicidade aos documentos relativos a essa questão, por isso que na America se publicára a correspondencia diplomatica.

A imprensa entra na apreciação desses documentos, confrontando as respostas do gabinete de Pariz ás exigencias do de Washington, e conclue que as relações entre os dois paizes não são muito satisfactorias.

Os Estados Unidos pedem para os varios povos do Novo Mundo o direito de escolherem governo como bem lhe parecer, e quando o governo dos Estados Unidos sujeitava a questão á decisão da França, lembrava-lhe ao mesmo tempo que deixasse de se conservar em postura hostil para com o Mexico.

O governo francez respondendo ao dos Estados Unidos, declara que ao passo que tem muita sympathia pelos povos do Novo Mundo, põe uma distincção entre o direito de guerra de que usou, e o principio de intervenção, a respeito do qual confessa professar as mesma ideias, que os Estados Unidos.

«Sem ambições, disse o gabinete francez, e sem outra ideia mais do que garantir os interesses da França, mandará retirar as tropas expedicionarias, assim que o possa fazer sem pôr em risco a dignidade e a segurança de seus nacionaes.

Vê-se d'aqui que o governo dos Estados-Unidos pedira que as tropas sahissem em curto espaço de tempo.

Mr. Dranyn de Lluys, ministro dos negocios estrangeiros em França falla da evacuação do Mexico pelas tropas francezas, mas não declara precisamente a epocha em que isso se realisará.

N'um despacho emanado deste ministro vê se bem a politica do governo nesta questão:

«Fomos ao Mexico para exercer ali *o direito da guerra*, que mr. Seward nos reconhece e não em virtude *de um principio de intervenção*, sobre o que professamos o mesmo pensamento que os Estados-Unidos. Fomos ali não para fazer o *prosylitismo monarchico*, mas para obter a reparação e as garantias que haviamos reclamado; e apoiamos o governo que se fundou com o concurso dos povos, porque esperamos delles a satisfação das nossas queixas, assim como as indispensaveis seguranças para o futuro.

Em resumo os Estados-Unidos reconhecem o direito que temos de fazer guerra ao Mexico; e por outro lado nós admittimos como elles o direito da não intervenção. Estas duas circumstancias contéem, ao que parece, os elementos de um accordo. O direito de fazer guerra que pertence, como declara mr. Seward, a toda a nação soberana, *implica o direito de assegurar os resultados della*.

Depois acrescenta:

«Então voltaremos ao principio da não intervenção, e logo que o acceitamos como norma para o nosso proceder, não só o nosso interesse, como tambem a nossa honra exige que reclamemos dos outros egual applicação.»

Vê-se, pois que o governo francez quer a não intervenção dos Estados-Unidos nos negocios do Mexico, mostrando que as tropas que a França conserva naquelle paiz não significam uma intervenção, mas sim o direito de se garantirem os resultados da guerra.

Na França aguarda-se com anciedade a resposta do presidente Johnson á carta que o imperador Napoleão lhe dirigiu.

Não se sabe por ora quaes serão os resultados desta questão. Por um lado diz-se que não ha rompimento difinitivo, receiando-se por outro graves conflictos.

Seja, porém, qual fôr o remate destas dissensões, o que é certo é correr em Pariz que se tem expedido ordens aos commandantes das esquadras, e que o imperador Napoleão cuida muito em tudo quanto diz respeito a marinha de guerra.

— No parlamento italiano destribuiu-se o projecto de lei para a abolição das ordens religiosas, reorganisação das dioceses e conversão do patrimonio ecclesiastico. Este projecto tinha já sido appresentado na sessão transacta pelo deputado Cortese.

Quando na camara se destribuia o projecto publicava um jornal italiano um artigo do ex-ministro Mingheiti, o qual propõe uma transacção com o clero, encarregando-o de fazer a conversão das suas propriedades.

A somma total dos haveres do clero é avaliada em cerca de 1:800 milhões de francos. O auctor do escripto, o sr. Mingheiti, propõe que se conceda ao clero um praso de dez annos para se acabar a conversão em titulos de divida publica, com a condição de ser o clero obrigado a pagar ao thesouro 600 milhões por anno, desde 1867. Deste modo deixava o clero de estar assalariado ao estado como a nova lei manda. Este alvitre parece que tem sectarios na Italia, e diz se tambem que veio de Roma, e que é seu auctor o cardeal Antonelli. A procedencia fará talvez suscitar receios, e influenciará na adopção desta medida.

— No Canadá a insurreição dos *fe-*

nianos toma cada dia maiores proporções. No dia 11 de janeiro reuniu-se uma numerosa assembleia em que se decidiu que a sociedade dos fenianos se fundisse com a dos *filhos da liberdade*, a fim de que, reunidas as forças, se procure organisar no Canadá uma confederação americana que se empenhe na emancipação daquella colonia.

Estas noticias teem produzido bastante agitação na Inglaterra, sem embargo de a imprensa ingleza manifestar que nada se receia a esse respeito. O gabinete de Londres trata de pôr em pratica os meios de reprimir uma tentativa que parece estar iminente, e que, segundo se diz, tem muitos proselytos na Irlanda.

— A interminavel questão dos ducados tem produzido quebra de relações entre a Austria e a Prussia. Diz-se que houve uma conferencia entre o sr. de Bismark e o sr. de Harolyi a respeito da administração austriaca no Holstein, e que fôra violenta e acalorada a conversação entre os dois estadistas. Parece que a Prussia pouco póde conseguir da Austria, se esta se reconciliar com a Hungria, como é de esperar.

—Corre como certa e tomada de Bugdad (Mexico) pelas tropas americanas negras. Os soldados negros apossaram-se de 4 peças de artilheria e aprisionaram 400 mexicanos.

Logo que a noticia d'estes factos chegou a Washington o embaixador francez naquella cidade pediu explicações ao governo. O secretario de estado interino, durante a ausensia do sr. Seward, respondeu que não tinha participação alguma a respeito do succedido; mas diz-se que telegraphou immediatamente ao general Sheridan para tomar providencias sobre aquelles acontecimentos.

— O sr. D. Casto Mendes Nunez, commandante da fragata *Numancia* que faz parte da esquadra hespanhola que está nas aguas do Pacifico, foi nomeado commandante d'essa esquadra.

Os boatos que se tem espalhado a respeito dos corsarios chilenos e peruanos são desmentidos por estas noticias procedentes de Liverpool.

«Nada consta aqui da saída de navios armados em corso com a bandeira chilena. Reputo falsas as noticias que tem circulado a esse respeito. A verdade é que no dia 17 saiu deste porto um navio blindado, armado em guerra e com bandeira peruana, navegando com direcção a Brest. Depois sahiu outro de Londres, tambem armado em guerra, e passou por Southampton para tomar 300 tripolantes, e diz-se que o Peru tem mais dois em França preparados a partir. Projectam reunir-se todos para demandarem o Pacifico. Os vapores sahidos de Londres e aquelle a que me refiro são muito temiveis em caso de combate, porque estão armados, segundo se diz, de 4 boccas de fogo de calibre 300; collocadas em torres blindadas. O seu andar é de 14 milhas, e apresentam um costado de 4 a 5 pés revestido de ferro. As cobertas tambem são de ferro.»

— Falla-se no reconhecimento do reino de Italia pela Austria, com a condição, porém, de que a França se conserve neutral no caso de haver algum conflicto por causa do Veneto.

— Corre como certo que o projecto de reforma eleitoral em Inglaterra será apresentado ao parlamento só depois da Paschoa. Os *tories* preparam-se para combater o ministerio em outras discussões. Os successos da Jamaica hão de dar azo a que os adversarios do gabinete Russell-Gladstone censurem o procedimento do governo. E é effectivamente sobre este assumpto que o ministerio inglez pode ser muito atacado, em consequencia de não estarem de accordo os seus membros. O ministro Milner Gibson reprovou o proceder das auctoridades ao passo que mr. Cardwel o apoiou.

— Na capital da Hungria fez-se uma recepção brilhante aos soberanos da Austria. Os jornaes de Pesth vem inundados de descripções de enthusiasmo com que foram acolhidos.

Diz-se que já fôra nomeada a commissão para redigir a mensagem da dieta, e coube a honra de ser presidente da commissão ao sr. Deak.

Variedades

Biographia do general Prim

A vida do general D. Juan Prim, Chamado o *Massena Hespanhol*, o qual se acha actualmente no seio de Portugal, é uma serie de feitos brilhantes deste que elle abraçou a illustre carreira das armas que era a mesma de seu pae, o tenente coronel D. Pablo. Nascido em Reus, na Catalunha, em 12 de dezembro de 1814, assentou praça de *soldado distinguido* em 21 de fevereiro de 1834 no batalhão de atiradores de Isabel II quando se debatia a sanguinolenta guerra civil contra os partidarios de D. Carlos (1833 a 1840.) Nesta guerra desastrosa, como são as guerras civis, alcançou elle um nome grande, e conquistou os postos até ao de tenente coronel major. Em cada batalha subia um grau, porque em todas praticava prodigios de valor.

Durante o primeiro anno que vestiu a farda foi presente em nove acções, sendo n'uma d'ellas ferido, e n'outra atacado corpo a corpo por um inimigo, a quem matou. Pela sua bravura ganhou o posto de alferes (12 de abril de 1835) e quatro mezes depois o de tenente (24 de agosto)

Prim esteve na batalha de Santo Hilario, em 24 de fevereiro de 1836. Quando a batalha era mais encarniçada, este joven de 22 annos, com uma bandeira na mão, precipitou-se sobre o inimigo, e obrigou-o a abondonar a sua posição. Neste recontro bateu-se com um soldado de infanteria armado da sua espingarda, ao qual lançou dextramente o braço em volta do corpo, conseguindo derrubal-o e matal-o em seguida. Na batalha de Villa Mayor, foi o primeiro a penetrar naquella povoação occupada pelos carlistas, e avançou destemido, á frente de uma parte da sua companhia, e no meio de uma chuva de balas sendo ferido na coxa direita. Distinguiu-se tambem em Taradell, onde, depois de combater com a brabura que lhe era habitual, matou um lanceiro carlista, a quem tomou as armas e o cavallo.

Em 1837 assistiu ás acções de S. Felix, Saserra, e S. Miguel de Taradell. Recommendado no relatorio de uma dellas, obteve a cruz de S. Fernando de primeira classe. Ganhou o posto de capitão pelo valor com que se houve nas acções de Capsacosta e de Gerri; e a cruz de Isabel a Catholica na escaramuça que obrigou ao levantamento do sitio de Puycerda.

O general Prim foi um dos primeiros a entrar em Ripoll, importante cidade da Catalunha em poder dos carlistas, nos principios de abril de 1838. Foi n'essa occasião que elle recebeu o terceiro ferimento, e foi promovido a capitão effectivo. Algum tempo depois em julho, assistiu ao sitio de Solsona, que durou desde 21 até 29 deste mez. Teve a honra de ser escolhido para commandar a columna de assalto, e foi o primeiro a apoderar-se da parte principal da praça. Obrigou os carlistas a encerrarem-se no paço episcopal, e, apesar de gravemente ferido no braço esquerdo, ahi os foi accommetter, obrigando-os a renderem-se. Em recompensa destas façanhas foi commandante e tenente coronel, e recebeu a cruz particular conferida a todos os que tomaram parte no assalto. Poucos dias depois foi commandar um dos bravos batalhões do regimento de Zamora, tão celebre nas excursões das serras da Catalunha. Foi ferido duas vezes na acção de 5 de novembro. Recebendo a primeira ferida no principio do combate, nem por isso deixou de obedecer ás ordens que lhe tinham dado, de carregar á bayoneta uma forte posição, o que elle desempenhou á frente de um punhado de homens, com a maior audacia e intrepidez. Ferido segunda vez, não quiz retirar-se do combate, e foi elle que sustentou a retirada contra as forças do inimigo, seis vezes mais numerosas.

O posto de major de batalhão ganhou-o Prim por um acto de bravura não menos notavel. Foi em 1839, no sitio de Urgell que elle, á frente de tres companhias, executou com o maior acerto o ataque, e investiu com os carlistas, á vista de todo o exercito liberal que ficou como espantado. Em abril d'este anno distingui-se em Biosca á frente dos caçadores da guarda avançada. No dia 17 perseguiu o inimigo, mais numeroso tres vezes, causando-lhe perdas consideraveis. Foi por isso nomeado primeiro commandante. Outro feito brilhante praticou em 14 de novembro, debaixo de um fogo terrivel. Teve um cavallo morto, e elle proprio ferido no peito, voltou ao fogo depois do primeiro curativo, apezar das observações de seus chefes, e do dia seguinte lá esteve á frente de seus soldados, na acção de Peracam, cobrindo a retirada, e aonde carregou o inimigo por diversas vezes, exposto aos tiros de suas espingardas que o feriram duas vezes, sem que elle se resolvesse a abandonar o seu posto. Como remuneração obteve a patente de tenente coronel e outra vez a cruz de S. Fernando.

Depois da convenção de Vergara, assignada entre Maroto e Espartero, o general Cabrera proseguiu na guerra. Prim, mal restabelecido ainda de suas feridas, assistiu ás acções de 1 e 4 de fevereiro de 1840, em Peracam. Collocado no ponto de maior perigo, guardando a retaguarda, foi ferido pela nona vez n'um pé, e teve o terceiro cavallo morto. No ultimo d'estes combates poz-se á frente de alguns homens de cavallaria, e carregando sobre os carlistas obrigou-os a retirar. Este importante feito de armas alcançou-lhe os galões de tenente coronel major.

E' agora que começa a vida politica de Prim. Nomeado em 1841 sub-inspector dos carabineiros, declarou-se adversario de Espartero, que o havia nomeado, e fez causa commum com o partido liberal progressista, á frente do qual estava Olozaga, e teve por isso de combater os seus antigos companheiros de armas. Triumphando a sua causa, foi nomeado pelo governo provisorio successivamente coronel, governador de Madrid, brigadeiro em 1843, e marechal de campo, e foram-lhe concedidos os titulos de conde de Reus, e visconde de Bruc. Subindo ao poder os moderados, fizeram-o julgar em conselho de guerra, o qual, apezar da eloquente defesa que elle mesmo proferiu, o condemnou em seis annos de prisão nas ilhas Marianuas, o que se não effectuou graças aos seus muitos serviços e ás instancias de sua mãe, D. Thereza Prats, que obtiveram o seu perdão.

Em 1845 e 1846 andou viajando pelo estrangeiro.

Em 1847 foi nomeado capitão general de Porto-Rico, de onde enviou ao governador da ilha da Santa Cruz (possessão dinamarqueza) um soccorro que salvou esta colonia, ameaçada por uma revolta dos negros. Foi por isso agraciado com a grã-cruz de Dannebrog, pelo rei da Dinamarca.

Em 1848 voltou á Hespanha, em 1851 foi eleito deputado, mostrando se como tal um orador distincto.

Nomeado chefe da commissão militar enviada á guerra da Criméa em 1854, recebeu uma espada de honra do sultão Abdul-Medjid, e as insignias do Medjiado. Omer-Pachá foi muito seu amigo; por seu conselho mandou o general ottomano assestar uma bateria de 16 peças á flôr d'agua, o que causou aos russos um damno consideravel.

A revolução de 1854 chamou-o novamente á Hespanha. Eleito deputado, foi pouco depois nomeado capitão general do reino de Granada.

Em 1858 foi nomeado tenente general, senador e gentil homem de S. M.

Prim foi o general que despenhou o mais brilhante papel na guerra de Marrocos. Nomeado commandante da divisão de reserva, viu-se n'elle o mesmo soldado valoroso dos seus primeiros annos. Activo, resoluto, alliando o ardor e o enthusiasmo a uma penetração infallivel e a extraordinaria tranquilidade no meio dos perigos, foi elle o que mais se distinguiu na sanguinolenta guerra contra os infieis, principalmente na batalha de Castillejos, em 1 de Janeiro de 1860, em que á frente dos batalhões de Vergara, do Principe, de Luchana, e de Cuenca, se arremessou ao centro dos marroquinos de Muley-Abbas, e por trez vezes fez dispersar as enormes massas que se lhe oppunham. E' por isso que é marquez de Castillejos.

Prim conta actualmente 51 annos. A sua figura é nobre e a sua physionomia grave e sympathica.

(Extr. do *Journal des Sciences Militeres.*) — *D. de Noticias.*

Noticiario

Guerra de rapazes. — Sob esta epigraphe lê-se no *Diario de Noticias*, da capital, a seguinte e chistosa noticia, ácerca de uma batalha de garotos, ali occorrida:

«Duas divisões de rapazes das freguezias de S. José e Coração de Jesus, deram-se batalha campal á pedrada, na travessa do Moreira, no dia 4 do corrente. A primeira acção foi interrompida pela intervenção do sr. regedor da freguezia do Coração de Jesus e alguns cabos de policia, que conseguiram fazer cessar as hostilidades entre os dois exercitos combatentes, levantando do campo de batalha alguns feridos, e retirando os dois exercitos em completa debandada, o que deu logar a espantarem-se os cavallos de um trem, que foi de encontro a outro, partindo-lhe o eixo da roda.

Mais tarde os *bravos* combatentes empenharam nova lucta, trazendo uma das calumnas á sua frente uma bandeira com as letras symbolicas—V. G. P.— (Viva o general Prim.)

O sr. regedor interveio novamente, fazendo quatro prisioneiros, tomando a bandeira e fazendo bater os demais em retirada.

Ás 7 horas da noite estava restabelecida a paz, e trocavam-se notas diplomaticas.

O que não lembra a rapazes, não lembra a ninguem.»

O casamento civil na Italia. — Diz a *Revolução de Setembro*: Lê-se n'uma correspondencia de Florença, com data de 1 de janeiro, ácerca do primeiro consorcio desta especie ali occasionado o seguinte:

«Acaba de ser celebrado em Cuneo o primeiro casamento civil. Esta innovação deu logar a uma pequena solemnidade. O sydico recebeu os esposos na camara municipal.

A guarda nacional em parada, e nas ruas atiravam-se bombas.

«A egreja não perdeu os seus direitos. Os esposos, suas familias, seus amigos são catholicos extremamente sinceros, e os dois conjuges apressaram-se a ir á egreja para o seu consorcio receber a benção sacerdotal.

«Quando sairam da camara municipal, o marido misturou-se com um grupo de amigos que lhe davam os parabens. A noiva era egualmente felicitada pelas senhoras que se agrupavam em torno della. Depois d'alguns minutos de espera, quando se tratava de ir para a egreja, a recem-casada perguntou: *Dove sta il mio sfedanzato.* (Onde está o meu desposado?) Tinha o casamento civil uma nova ceremonia de desposorios; para ella, como para todos, o verdadeiro casamento é na egreja. E' um sentimento que jámais se apagará.»

Uma grande operação cirurgica. — Conta o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, o seguinte facto, que bem mostra o estado de apuro a que teem chegado a crurgia no nosso paiz:

«O nosso distincto operador Antonio Maria Barbosa acaba de praticar a ovarotomia em uma joven senhora, moradora na calçada do marquez de Abrantes.

A operação consistiu em tirar de dentro do ventre da doente um tumor formado no ovario, cujo volume era egual ao da cabeça de uma creança de 3 a 4 annos de edade.

Para isto foi necessario fazer uma abertura na parte interior do ventre, vasar o tumor dos liquidos que continha, extrahil-o pela ferida, atal-o pelo pé com toda a segurança junto da columna vertebral, e depois cortal-o, tendo anteriormente laqueado todos os vasos que deitavam sangue, para que este não caisse dentro do ventre, a fim de se evitar quanto possivel a inflammação consecutiva do peritoneo que é sempre gravissima.

A doente foi chloroformisada, e esteve constantemente debaixo da influencia deste anesthesico durante trez horas e meia.

A operação durou justamente trez horas, não dando em todo este tempo a doente signaes alguns de soffrimento, tal foi o beneficio da chloroformisação e o cuidado com que foi administrada.

Apesar do tumor ser muito grande e multicular, não podendo ser vasada senão por partes, e de uma hemorrhagia que foi indispensavel estancar, e que durou mais de quarenta minutos, a operação correu o melhor possivel, attendendo á sua grande difficuldade e gravidade.

Esta operação é notavel não só por exigir muito saber, grande habilidade, summa prudencia e sangue-frio do operador, mas tambem porque sendo rara no estrangeiro, é esta a primera vez que se pratica em Portugal.

Damos pois os nossos parabens á cirurgia portugueza, e especialmente ao nosso amigo Barbosa tão sinceros e do coração, como em poucos dias os desejamos dar á senhora doente, depois de completamente restabelecida.

Assistiram a esta operação o lente da universidade de Coimbra, o sr. dr. Augusto Simas, e o conservador do gabinete de anatomia pathologica da mesma universidade, e o sr. Ignacio.

Tambem assistiram os srs. dr. Maya Figueira—Teixeira Marques—Alves Branco—Amado—Ribeiro Vianna—Falcão de Carvalho.»

Como se protege o peccado. — Diz o mesmo periodico, que ha pouco tempo veio do bispado da Guarda o requerimento de um homem, pedindo dispensa de impedimento de parentesco para contrair matrimonio com uma mulher com quem vivia, e da qual tinha trez filhos menores.

A mulher era filha natural; assim mesmo, porém, porque se imputava a sua filiação a um parente do homem com quem vivia, o parocho aconselhando-os a que se casassem, egualmente lhes disse que, para desvanecer todos os escrupulos, requeressem dispensa do 3.º ou 4.º grau.

Este casal é bastante pobre, e o requerimento veio acompanhado do estado de pobreza, passado pelo respectivo parocho.

Annuiu o casal ás instigações do parocho; porém, mal sabia qual teria de ser o resultado.

Apresentado o requerimento na nunciatura, o despacho foi = Separem-se =. Quer dizer, o casal que é pobre, e carregado com os filhos, tem de separar-se para alcançar dispensa.

Ora, se o producto do seu trabalho mal lhe chega para manter a familia reunida, como será, separando-a, estabelecendo dois domicilios, e sendo preciso maior despeza, com que de certo não poderão?

Estes embaraços facilitam o peccado, e favorecem os meios illicitos. Como se hão de o homem e a mulher separar não tendo meios para isso? Não é leval-os a persistir no estado peccaminoso, pela impossibilidade de satisfazer á separação?

A dispensa é muitas vezes uma oppressão, para os que d'ella precisam, e sempre uma mina para Roma; e assim como facilita as uniões illicitas, frequentemente provoca a declaração da infamia da noiva, porque se declarar que trahiu os seus deveres, que atraiçoou a sua honra, a dispensa é mais barata.

Será isto moral e honesto? Será isto apoiar o matrimonio no sentimento religioso, provocando com o engodo de menor despeza a declaração da propria vergonha?

Já promettemos de nos occuparmos deste assumpto, e havemos de fazel-o para esclarecer os leitores de todo a immoralidade que por via de regra ha nas dispensas matrimoniaes.

Não sabemos o que fizeram o homem e mulher da Guarda, a quem alludimos, mas de certo se acharão n'uma situação penosa.

Desmentido. — (Do mesmo jornal.) Pessoa auctorisado nos pede a publicação do seguinte:

«O *Jornal de Noticias* do dia 6 do corrente, referindo-se a um artigo do jornal francez *La Patrie*, diz: que o general Prim pediu licença para passar um anno em Portugal, obrigando-se, sob sua palavra de honra a não sair do ponto que lhe destinarem para sua residencia.

Estamos auctorisados a declarar:

1.º — Que o general Prim não pediu licença a ninguem para residir um anno em Portugal;

2.º — Que se o general Prim se acha neste paiz, e aqui tenciona residir algum tempo, é porque esta residencia lhe é agradavel;

3.º — Que este distincto martyr da liberdade não tomou compromisso algum de honra no sentido de permanecer em Portugal, porque o governo portuguez não lhe fez exigencia algum deste genero.»

Peste do gado bovino. — Lê-se no *Commercio do Porto*: São aterradores os seguintes algorismos dados por correspondencias de Londres sobre as proporções que tem adquirido a peste do gado vaccum.

Durante o mez de janeiro a enfermidade apresentou um desenvolvimento verdadeiramente espantoso.

Na semana que acabou em 30 de dezembro foram atacados 7:693 animaes — na de 6 de janeiro 9:120—na de 13 9:243 —na de 20 10:041 — na de 27 11:745. —Total 120:740. — Destes foram queimados 16:742 — morreram 73:750—curaram-se 14:162, e existem ainda doentes 16:086.—Tudo isto representa uma perda de 6:600 contos de réis.

Recepção.—O rei Victor Manuel, diz o *Diario de Noticias*, depois de ter passado tres dias no mais completo retiro no castello de Pistoja, voltou a Florença, onde presidiu ao ultimo conselho de ministros. Affirma-se que sua magestade recebera do soberano pontifice uma enternecedora carta de pezames por morte do principe Othon. Diz-se egualmente que Pio IX escrevera outra a sua afilhada a rainha D. Maria Pia de Portugal.

Suicidio. — Eis o resumo das diferentes maneiras de suicidio postas em pratica de 1827 a 1860, segundo um trabalho do dr. Boismont, que tem feito estudos especias ácerca das mortes voluntarias em França. O quadro não é alegre, senão curioso (diz a *Revolução de Setembro*):

Suicidaram-se:	homens	mulheres
Enforcaram-se....	12:152	2:000
Affogando-se.....	6:668	2:178
Com armas de fogo	4:337	43
Pela asphyxia....	1:917	1:307
Com armas brancas	1:272	230
Precipitando-se....	862	518
Com veneno.....	474	282
Por outros meios..	282	54

A sociedade medical do condado de New York discutiu, n'uma recente reunião, a questão do suicidio sob o ponto de vista physiologico.

A discussão revelou que nos tres ou quatro ultimos annos, o numero dos suicidios em New York, incluindo Broklin, se elevou, termo medio, a cerca de 100 por anno. Notou-se, além disto, que tinha havido 100 tentativas sem resultados fataes, e suppõe-se que um numero, pouco mais ou menos, egual d'incidentes não foi dado á publicidade.

Parece resultar de numerosos factos citados com o apoio desta theoria que, além dos suicidios causados por circumstancias especiaes, a monomania do suicidio é, no maior numero de pessoas, uma doença organica que tem origem n'uma lesão do cerebro, e que póde ser objecto de effectivo tratamento, como outra qualquer adsecção local, ou por vesicatorios ou por qualquer outro derivativo.

A assembléa sanccionou esta hypothese, para não dizer este paradoxo, e chamou para este interessante objecto a particular attenção da medicina.

Correspondencia do noticiario. — Publicamos em seguida a carta que acabamos de receber:

Sr. redactor.

Lendo em o n.º 524 do seu jornal o *Districto de Aveiro* uma carta do sr. Moura em que se entretem com a minha humilde pessoa, fazendo-me n'ella insinuações que eu desprezo mas que não posso deixar passar em silencio, vou pois restabelecer os factos taes quaes se passaram, e que foram da maneira seguinte:

Vindo minha mulher no dia 23 do proximo passado ás 4 e 1|2 horas da tarde, pela viella acima, fronteira a minha casa, acompanhada do meu cão, ahi encontrou com uma cantara á cabeça, o criado do sr. Antonio Homem, que accumula as funcções de aguadeiro e praticante na botica do dito sr. O rapaz já costumado a bater e a atirar pedras ao cão, não quiz perder tão bella occasião apanhando-o a *talho de foice* n'aquella viella estreitinha. Ao passar o cão por elle, muito encolhido de medo do rapaz, zás! ferra-lhe um furioso pontapé d'encontro á parede que fez ganir horrivelmente o pobre bruto. (Fazer mal aos animaes é indicio de mau caracter, dizem. E aqui não mente o rifão.)

Minha mulher zangada, e com razão, ralhou com o rapazelho que ainda é tão novo e tão mal intencionado já.

Ouvindo eu o que se passava, e não sendo já esta a primeira vez que o rapazinho tem maltratado o cão com outras e quejandas diabruras, dirigi-me a elle e não poude deixar de lhe dar um soccosito. O rapaz começou a barafustar e a dizer em voz alta — que lh'as havia de pagar, — e encaminhando-se para a fonte passou depois pela minha porta resmungando.

No dia seguinte 24, antes das 7 horas da manhã, estando minha mulher a alevantar-se da cama, disse a uma expostasinha que tinha, que fosse abrir a porta da rua. Foi a pequena abril-a, e veio trazer-lhe uma carta que havia encontra-

do debaixo da porta (o que costuma fazer o carteiro quando encontra a porta fechada) dizendo que tinha encontrado aquelle papel. Mandou-lh'a pôr em cima da mesa da loja em que trabalho, e a pequena dirigiu-se para a varanda, a abrir uma porta e uma janella; mas ainda não tinha acabado de a abrir, correu logo com muita pressa á talha e bebeu agua. Depois foi acabar de abrir a porta e janella da varanda e voltando d'ali, perguntou-lhe minha mulher o que tinha. A pequena esfregando a bocca, respondeu — que aquillo que estava embaixo á porta da rua ao pé do papel, amargava muito. Foi logo ao sitio onde ella dizia, e a pequena apanhou do rebate da porta um bôlo já incertado que para lá tinha atirado por lhe ter amargado; e procurando mais, encontrou outro bôlo um pouco esborrachado pelos pés da pequena. Assustando-se minha mulher com isto, disse a uns mestres sambladores que andavam trabalhando em uma casa de fronte, — que a exposta tinha achado aquelles bôlos debaixo da porta da rua quando a veio abrir, e que se ella morresse, não queria ficar culpada. Ficaram muito admirados e um d'elles chegou até a dizer —bem disse o rapaz hontem que lh'as haviam de pagar—. Incontinente dirigiu-se minha mulher com a menina á botica do sr. Antonio Homem a pedir-lhe soccorro. Chamou-o, mas só encontrou o celebre criado varrendo a botica, dizendo-lhe este — que o sr. Antonio estava na cama, e que se não erguia tão cedo: — e continuou a varrer, mas muito atrapalhado e córado (*medo!*) E dizendo-se-lhe que se esperaria que elle se levantasse, mandou-a pôr fóra da sua botica, — que não queria ali barulho, — ameaçando-a com o cabo da vassoura. A' vista desta insolita recepção, vieram para casa, porém a pequena já muito anciada. Veiu-lhe logo á lembrança dar-lhe azeite a beber, o que immediatamente fez, com o que a menina vomitou.

Eu que até então não sabia nada do que tinha acontecido, fui logo com a menina á botica do sr. Antonio Homem, e lá encontrei o mesmo criado-praticante: e perguntando-lhe pelo seu patrão, respondeu que estava na cama (uma refinada mentira, por que se achava ausente da cidade como depois soube) e que não se levantava tão cêdo. Demorei-me á porta da botica esperando que se levantasse. A pequena continuava em vomitos, e o rapaz muito atrapalhado (signal evidente de que tinha sido elle o auctor do crime) deitava a vista *á sucapa* para a pequena, em quanto que as criadas da casa vinham á porta interior da botica observar o que se passava. Chamei o visinho barbeiro Bento Malhadal e Alberto fogueteiro para verem o que a pequena vomitava, e dizendo-lhe eu que estava á espera do sr. Antonio Homem, disse-me aquelle Bento, que o dito sr. estava fóra da terra havia muito tempo.

Foi depois minha mulher com a menina á botica do sr. Francisco da Luz e este sr. lhe aconselhou que d'esse á pequena claras d'ovos, o que se fez.

Quando depois os facultativos os srs. Regalla e Chrispiniano fizeram exame aos bôlos e vomitado, declararam que ajuizavam ser aquillo arsenico.

N'esse dia de tarde veio o sr. Moura a minha casa (que ainda ha pouco tinha chegado de Ilhavo onde é cirurgião do partido) perguntar-me o que havia acontecido. Explicando-se-lhe tudo respondeu que nem elle nem seu pae tinham culpa d'aquillo ter acontecido por que nada tinham sabido, e que seu pae em o sabendo havia de dar grande cavaço, (uma prova tambem de que o sr. Moura estava convencido que tinha sido o criado o auctor do maleficio.)

E fazendo-lhe eu o reparo de deixarem, na sua auzencia, o arsenico tão mal arrecadado, respondeu-me que era por que se estava agora usando muito em quasi todos os receituarios. E sendo por mim convidado para ir ver a pequena, recusou-se ao principio, mas depois sempre foi; e fazendo-lhe deitar a lingua de fóra, disse: — está salva que é o que nós queremos.

Esta é que é a verdade.

Em quanto ao que o sr. Moura diz na sua carta, que eu ia, (quando me dirigi ao rapaz na viella) com o aspeito transtornado e com difficuldade de equilibrio (o que quer dizer que ia bebedo) é uma miseravel calumnia. Nunca tive por costume o embriargar-me.

Se a pequena tinha tanta fome, como elle diz (é saber muito do que vae pelas casas alheias) e se os bôlos não amargavam, por que os não comeu ella todos? O arsenico não amarga continua elle, (é fino o sr. Moura como uma tranca) e a massa com que elle estava misturado não amargaria? O rapaz não podia obter o arsenico por que o sr. Moura que reside em Ilhavo (uma legua de distancia de Aveiro) trazia a chave no bolso! *Santa verdade!*.... Demais tem a certeza (já é ter certeza estando em Ilhavo) que o rapaz não tornou a sahir de casa depois que recolheu da fonte! quando é certo que n'essa noite foi o rapaz a casa das Carneiras perguntar, se a Maria Augusta tinha visto eu bater-lhe n'esse dia de manhã.

O rapaz será muito esperto, mas esperteza no crime só a tem quem a elle está habituado. Nada mais facil do que ter praticado aquella maldade, ignorando-lhe as consequencias. Que o rapaz ameaçou de matar o cão é coisa que muita gente ouviu. E que significa aquella repetida mentira do rapaz, de que o sr. Antonio Homem estava deitado ainda, quando elle estava fóra da cidade havia dias, e a muitas leguas de distancia? E aquella atrapalhação do rapaz quando viu a pequena n'aquelle estado? O sr. Moura que é *tão fino* podia explicar-m'o.

Não sei para que é aquelle aranzel de sophismas de que está recheada a sua carta. Talvez pensasse que com isso ia atenuar a feia acção do gaiato, e sanar o desaire que sobre o sr. Moura, recahia, de ter deixado um estabelecimento d'aquelles entregue a um rapazelho que não sabe os mais simples rudimentos de pharmacia (o mais que pode saber é pisar bem mostarda e linhaça) e sem ter ninguem que lhe fosse á mão n'aquelle dia 23!

E vem dizer-nos o sr. Moura que o rapaz não podia obter o arsenico quando esteve de posse de toda a botica! Que simplicidade para enganar tolos!

Peço-lhe, sr. redactor, a publicação no seu jornal destas mal traçadas linhas, pelo que lhe ficará agradecido o

De v. etc.

Aveiro, 11 de fevereiro de 1866.

Dionizio Francisco Sergio.

Club Aveirense. — Foi hontem no club a *soirée* annunciada. Estiveram cerca de quarenta senhoras e um crescido numero de cavalheiros. Dançou-se com animação até depois das 4 horas da manhã.

Entre os convidados viam-se os officiaes emigrados hespanhoes.

Alguns socios do club tentam dar hoje nova *soirée*. Desejamos que realisem tão agradavel tenção.

Carnaval. — Perde-se na noute dos tempos, salvo o erro, a origem dos brinquedos estapafurdios com que se celebra este memorando dia.

Ainda não ha muito tempo que um dia de carnaval era insoffrivel. Laranjadas nas costas do cidadão pacifico que apparecesse no meio da ruas, um diluvio de pós por toda a parte, uma algazarra immensa por todas as ruas, um *charivari* infernal de bosinas e zabumbas por todos os becos. O carnaval nos bons tempos que já lá vão era pelo menos assim. Depois a civilisação intromettendo-se n'elle arranjou a pulil-o, a enverniscal-o, a enroupal-o em trajes mais decentes, e deu com elle n'isto que se vê agora.

Proscreveu a classica laranjada com que se regalavam os nossos avós, aboliu os pós, fez callar os zabumbas e as bosinas e em logar de toda esta brincadeira, decretou os bailes de mascaras, como o ultimo refinamento do bom gosto. Fez do antigo Momo uma coisa seria, grave e não sei se diga semsaborona. O carnaval d'outro tempo era alegre, e fulgasão. O de agora é taciturno e silencioso. Nas immensas cabelleiras dos *dandys* da geração que passou escondiam-se mil demonicos travessos, e irrequietos que n'este dia faziam diabruras do arco da velha. Na curta grenha ou nas calvas lusidias dos *dandys* actuaes não se esconde nada.

O carnaval passou pela maior transformação que era possivel.

A civili-ação, porém, operando esta mudança, não teve pulso para banir as bebedeiras com que sempre se tem solemnisado o carnaval. Aboliu os pós, proscreveu as laranjas, mas não revogou os picheis. Ainda bem, ainda bem.

Partida. — Partiu hontem para Lisboa o sr. D. Eulogio Gonzalez, commandante do batalhão d'Almanza, actualmente emigrado nesta cidade.

Foi visitar o general Prim, e cremos que voltará aqui em dentro de poucos dias, para visitar a officialidade emigrada.

Pundonores desaggravados. — Como é publico em toda a parte onde chega lettra redonda, os littratos de Lisboa estão em guerra aberta com os de Coimbra, e estes com aquelles. As portas do templo de Jano acham-se escancaradas, e chove uma metralhada immensa de artigos e folhetos em ambos os arraiaes.

A *republica* das lettras tenta apear do throno o soberano das mesmas. E' neste intuito que combatem as phalanges do Mondego contra as do Tejo.

O combate comtudo teem até agora sido incruento. D'uma parte grita-se contra os nevoeiros allemães, d'outra defendem-se os ditos nevoeiros, e não se tem passado d'isto.

Ha dias, porém, um dos mais bravos soldados dos arraiaes do Mondego, o auctor das *Odes modernas*, o sr. Anthero do Quental resolveu-se a depor a penna, e tomar uma espada. Sobraçada a catana, eil-o em caminho para o Porto. Coube a sorte ao sr. Ramalho Ortigão de ser o antagonista deste Farrabraz. Agora o vereis. Catanada d'aqui catanada d'acolá, o sr. Anthero do Quental conseguiu por fóra do combate ao sr. Ramalho Ortigão, a quem a terrivel cemitarra do lidador do Mondego entrou n'um hombro.

A escola coimbrã sahiu victoriosa, e sendo, como ninguem lhe pode contestar, inventora de bonitas coisas litterarias, tem de mais a mais a gloria de achar um novo motivo para duellos. Por amor das Dulcineas eram elles em tempo; agora a litteratura começa a fornecel-os tambem.

O carnaval de 1866 tem a registrar nos seus annaes este grande acontecimento, e a escola coimbrã esta gentileza do seu chefe, e este grande triumpho alcançado, para maior gloria da dita escola, dentro dos muros da cidade invicta.

Recita. — No domingo passado foi á scena no Theatro dos Artistas o drama —29 *ou Honra e Gloria* — e uma comedia.

O theatro estava completamente cheio, não obstante estar o tempo chuvoso e pouco convidativo de se sahir de casa. Os curiosos que tomaram parte na representação andaram, sem excepções, muito bem. Alguns distinguiram-se mesmo, manifestando muita aptidão e dotes comicos. Mereceram bem os applausos e chamadas com que foram acolhidos.

Ha tempos que no Theatro de Aveiro não correu um espectaculo com mais regularidade, honra aos mancebos que se empenheram em que a representação fosse como se podia desejar.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 13 de fevereiro

Entrou com effeito em discussão na sessão de sexta feira a resposta ao discurso da corôa. A camara não considerou aquelle documento como um mero comprimento da realeza popular á realeza constitucional e hereditaria. Os homens da posição *expectante*, como elles a si se alcunham, entenderam dever fazer alguns reparos aos varios paragraphos, que diziam respeito a differentes assumptos.

Antes porém da ordem do dia, — a discussão da resposta á falla do throno — o sr. Levy Maria Jordão chamou a attenção do governo sobre um assumpto importantissimo que dizia respeito ás cousas do ultramar. E' o caso: O *Jornal do Commercio* disse n'um dos seus numeros passados que corria como certo, que o papa separou o bispado do Congo do de Angola, e entregou o governo espiritual daquelles povos á ordem regular de frades franciscanos.

O sr. Levy referindo-se a esto facto, fez varias considerações áquelle respeito, e concluiu mandando para a meza um requerimento pedindo explicações ao governo, não só em relação áquelle assumpto, como em referencia á confirmação do bispo de Macau, que tinha sido feita contra a lettra da concordata.

O sr. conde de Castro respondeu que o Bispo de Macau fôra com effeito confirmado contra as disposições da concordata, mas que o nosso ministro na côrte de Roma protestára já contra similhante facto.

Quanto porém ao outro ponto assegurou o nobre ministro, que o governo daria as necessarias explicações, as quaes estariam sempre em harmonia com a dignidade do paiz, de cujos destinos se acha á testa o governo, de que fazia parte, e que sabe presar a dignidade nacional.

Vae-se tornando excessiva a influencia da côrte de Roma sobre os negocios deste pobre paiz.

O facto da confirmação com restricções oppostas ao espirito e á lettra da concordata, é altamente attentatorio de uma certa religião que deve haver no exacto cumprimento dos tratados.

Este despejo da parte dos curiaes em illudir a boa fé das convenções, não vae bem a quem devêra ser fidelissimo no seu cumprimento.

Praza a Deus que estes e outros excessos de uma má fé revoltante, não nos venha a auctorisar a extrema necessidade de interrupção das nossas relações com o S. Pontifice! E' impossivel que continuemos a supportar de boamente estes factos, tendo só por triste recurso o protesto, que, se não tira o direito, tambem não o dá.

Esperamos que o governo com a sua politica illustrada porá termo a essas exorbitancias papaes.

Quanto porém á questão do Congo, temos uma opinião favoravel á santa sé. Não é agora a occasião de a emittirmos; breve chegará a opportunidade.

— Na ordem do dia fallou o sr. Levy, lamentando que o governo na sua resposta não fallasse directa ou indirectamente n'um ponto importante, qual é o projecto da abolição da pena de morte.

O sr. ministro da justiça respondeu satisfatoriamente, affirmando não haver da parte do govorno esquecimento relativo áquelle assumpto; que a opinião do governo era tambem o acabamento da pena de morte, mas que o assumpto era importante para se tratar sem ser em occasião opportuna.

Seguiu-se o sr. Sant'Anna, que perguntou ao nobre ministro da fazenda, se já se esquecêra do que ouvira tantas vezes a s. ex.ª, de que *parar é morrer*; que fazia aquella pergunta, porque não via movimento, nem iniciativa no governo (!!!) Partilhou as ideias do sr. Levy quanto á abolição da pena de morte.

Coube a palavra ao sr. Mendes Leal, por parte da commissão de resposta ao discurso da corôa, para responder aos differentes reparos, que foram feitos á mesma resposta.

Fallou o sr. Fontes, digno ministro da fazenda, de um modo satisfatorio, e eloquente, respondendo triumphantemente aos seus adversarios, como os leitores podem vêr do extracto da sessão.

Subiu depois á tribuna o sr. T. de Vasconcellos, que fallou contra a pena de morte. Concluiu pedindo ao governo que tivesse em vista as convenções litterarias principalmente com o Brazil, e as colonias que precisam de uma boa administração.

Na camara hereditaria tratou-se da confirmação do bispo de Macau; questão esta de que os leitores estão já sabedores.

Na sessão de sabbado, sobre a ordem do dia, fallou ainda o sr. Sant'Anna, cabendo em seguida a palavra ao sr. Santos e Silva, que fez um longo discurso, cujo preambulo era demasiadamente *cabeçudo*. S. ex.ª recheou o seu discurso de muitas imagens, que só provaram que possue uma fertil imaginação.

Fallou tambem muito na homeopathia, nos discipulos do *Haneman*. O talento do sr. Silva é incontestavel, a sua palavra é culta, mas cremos que é fraco argumentador, por que nunca falla depois do adversario.

O sr. Barjona de Freitas usou largamente da palavra respondendo de um modo triumphante a todas as considerações que lhe foram oppostas.

Depois de ter fallado o sr. Sá Nogueira, que lembrou ao governo a necessidade de escolher para governadores do ultramar homens intelligentes e probos, encerrou-se a discussão, approvando-se a resposta por unanimidade, havendo sido regeitadas todas as emendas e additamentos.

— Da folha official constam algumas demissões dadas a empregados do ministerio da fazenda. Entre os demissionarios figura o nome do sr. Augusto Carlos de Macedo. Sentimos a demissão dada áquelle funccionario, por que era intelligente e bom empregado. Quizeramos que estas qualidades podessem d'algum modo encorrer para uma pena menos grave. Foi uma verdadeira desgraça para aquelle mancebo carregado de uma numerosa familia. Pedimos ao nobre ministro da fazenda, que se informe sobre o merecimento d'aquelle empregado, e tanto mais quanto apenas se acha pronunciado d'um supposto crime de burla, de que por ventura possa ser absolvido.

— Diz a *Gazeta* que o sr. Casal Ribeiro fôra nomeado para fazer o tratado de commercio com a França.

— Do *Jornal do Commercio* consta, que o sr. Serpa está encarregado de negociar um tratado sobre transito, com a Hespanha; e que o sr. T. de Vasconcellos fôra igualmente encarregado de negociar um tratado de extradicção com os Estados-Unidos da America.

— Celebrou-se o casamento do sr. conde de Lavradio, presidente da camara dos pares, com a exm.ª sr.ª D. Maria Rita Tenorio de Moscoso, filha do sr. D. Pedro Tenorio de Moscoso. Partirão brevemente para Londres os illustres desposados.

— Principia o entrudo na capital com os seus brinquedos (?) brutaes. Parece não haver policia nesta terra!!!

— O conselho de saude publica do reino faz saber que é considerada limpa da cholera morbus a ilha de Malta.

— Falleceram no Rio de Janeiro em dezembro ultimo 72 subditos portuguezes, cujos nomes veem publicados no *Diario*.

Tem chovido muito estes dois dias.

Y. Z.

Annuncios

A meza do governo da Santa Casa da Misericordia desta cidade, ha de no dia 22 do corrente mez pelas 3 horas da tarde vender em leilão á porta do celeiro, o trigo galego, tremez, centeio e milho, recebido dos fóros vencidos pelo S. Miguel do anno proximo findo.

E dar de arrendamento pelo tempo de 6 mezes a casa do mesmo celeiro.

AVISO

A Meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco desta cidade faz publico que em sessão de 28 de janeiro deliberou excluir da procissão da Cinza todos os noviços, que tem deixado passar o anno do noviciado, sem que no fim d'elle tenham procurado a profissão, como dispõe a reza e estatutos da ordem.

Para levar a effeito essa deliberação, resolveu a meza fazer entregar cartas patentes a todos os professos, aos quaes se roga que na occasião da prossicão appresentem as ditas patentes aos distribuidores da cera; pois que as tochas só serão distribuidas áquelles, que mostrarem o documento, de que fazem realmente parte da irmandade.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

O secretario

José Maria da Costa Azevedo.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro do julgado d'Ilhavo se hão de arrematar, em hasta publica, no dia 18 do corrente mez pelas 10 horas da manhã, na sala do tribunal judicial do mesmo julgado, os seguintes bens: Um pinhal, sito na praça da Ermida, que lhe chamam a Raposa, que parte do norte com Manuel Ferreira Branco, e do sul com Manuel Ferreira Solha, avaliado em 38:400 rs.

Mais outros moveis que estarão patentes no acto d'arrematação; cujos bens pertencem ao orfão, filho que ficou de Manuel Nunes da Costa, e de Luiza dos Santos do dito logar da Ermida.

O escrivão

Ramos de Loureiro.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro, do julgado d'Ilhavo, se ha de arrematar, em hasta publica, no dia 18 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã na sala do tribunal judicial do mesmo julgado, por execução que move Antonio José Vieira Machado, da cidade do Porto, a José Vicente Soares, da villa d'Ilhavo, os seguintes bens: Um casarão sobradado com pateo e suas pertenças, avaliado em 140$000 rs., sito no Oitão da mesma villa.

Mais quatro pipas avaliadas em réis 14:800.

Mais duas ditas avaliadas em 4:800 réis.

Mais dois quartos pequenos, avaliados em 730 réis.

Mais um caixão forrado de lata que tem de cumprimento dois metros e de largo um, avaliado em 18$000 réis.

O escrivão

Ramos de Loureiro.

João Antonio da Graça, d'Ilhavo, constando-lhe que Luiz Simões Mariz tem contratado vender a sua casa e aido sito na Legoa, e devendo-lhe elle a quantia de 24$000 rs. de 3 annos de fóros da dita casa, protesta haver a referida quantia dos compradores, e assim o faz publico para que não alleguem ignorancia, quando usar da acção a que tem direito. (3)

Venda de casas

Vende-se uma morada de casas de um andar, mas com bastantes commodidades, e bem reparadas, e com quintal, sitas na rua das Barcas d'esta cidade.

Quem as pertender falle com o seu proprietario — José Maria de Carvalho Branco. (3)

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO.

A direcção da Caixa Economica d'esta cidade faz público que no domingo 18 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, no seu escriptorio da rua Larga, hão de ser arrematados os penhores que constam da seguinte relação, em consequencia de ha muito se achar vencido o praso das lettras por elles garantidas.

N.º dos penhores	Designação	Avaliação	Valôr das Letras que garantem.
77	Uma cruz de ouro	1$100 rs.	1$000
154	Um cordão de ouro com um coração	21$300 »	19$200
360	Um dito » » «	6$800 »	6$800
362	Um garfo, uma colher, e uma faca de prata	4$600 »	4$600
387	Um par de arrecadas e um brinco de ouro	11$000 »	11$000
567	Um cordão de ouro	13$000 »	13$000
638	Um relogio com caixa de prata	9$600 »	9$600
700	Nove colheres de prata e dois pares de pingentes de brincos de ouro	4$700 »	4$700
779	Dois cordões e um par de brincos de ouro	54$600 »	54$600
852	Um par de argolas de ouro	2$800 »	2$000
899—A.	Um annel de ouro, um par de botões, e um par de botões de brincos	2$800 »	2$800
903	Quatro pares de brincos e um laço com diamantes	22$500 »	22$500
1038	Um par de brincos e um annel de ouro	2$100 »	2$000
1083	Um par de arrecadas de ouro	3$300 »	3$300
1189	Uma cadeia de ouro	5$600 »	5$500
1350	Um cordão de ouro	12$400 »	12$400
1364	Um par de pingentes de brincos de ouro	1$400 »	1$400
1394	Um par de » de » de »	700 »	700
1403	Um par de argolas de ouro	2$100 »	2$100
1409	Um cordão com cruz, de ouro	15$000 »	15$000
1411	Um par de argolas e um fio de contas de ouro	3$300 »	3$300
1525	Um par de argolas e dois fios de contas de ouro	1$440 »	1$440
1658	Um par de pingentes de brincos de ouro	500 »	500
1763	Um par de arrecadas de ouro	1$200 »	1$200
1789	Um annel e uma arrecada de ouro	2$000 »	2$000
2331	Um annel de ouro	1$150 »	960

Caixa Economica d'Aveiro, 8 de fevereiro de 1866.

O secr.º da direcção

A. D. Pinheiro e Silva.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. — *Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»